

A experiência da escola ativa no estado do Espírito Santo (Brasil): leituras, viagens e encontros (1928-1930)

La experiencia de la escuela activa en el estado de Espírito Santo (Brasil): lecturas, viajes y encuentros (1928-1930)

The experience of the active school in the state of Espírito Santo (Brazil): readings, travels, and meetings (1928-1930)

Rosianny Campos Berto*

Resumo

Na relação com percursos de constituição do Movimento Internacional da Educação Nova, o texto objetiva examinar conexões e redes que interferiram na produção da reforma da escola ativa no estado do Espírito Santo, Brasil, entre 1928 e 1930. De modo particular, busca compreender nexos com propostas desenvolvidas no Brasil e com ideias em circulação internacional. Para isso, toma como fontes impressos, relatórios governamentais e livros, analisados a partir de diálogos com a micro-história, com as histórias conectadas e com a perspectiva transacional em História da Educação. A análise indica que a escola ativa capixaba se produziu a partir de uma trama relacional constituída por viagens, leituras e encontros que fundamentaram a produção de uma reforma eclética que tinha como matriz a proposta europeia e que buscava firmar-se, ao mesmo tempo, como modelo de cientificidade e de brasilidade.

* Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufes). ORCID: [<https://orcid.org/0000-0003-3143-3258>]. Correo electrónico: [rosianny.berito@ufes.br].

Cómo citar este artículo:

Campos Berto, R. (2026). La experiencia de la escuela activa en el estado de Espírito Santo (Brasil): lecturas, viajes y encuentros (1928-1930). *Revista Mexicana de Historia de la Educación, Dossier*, 2026, 85-111. <https://doi.org/10.29351/rmhe.v14i27.714>



Palavras-chave: Escola ativa. Escola Nova. Espírito Santo. História transnacional da Educação.

Resumen

Este texto tiene como objetivo examinar las conexiones y redes que influyeron en la implementación de la reforma de la escuela activa en el estado de Espírito Santo, Brasil, entre 1928 y 1930. En particular, busca comprender los vínculos con las propuestas desarrolladas en Brasil y con las ideas en circulación a nivel internacional. Para ello, se basa en fuentes impresas, informes gubernamentales y libros, analizados a partir de diálogos con la microhistoria, las historias conectadas y la perspectiva transnacional en la Historia de la Educación. El análisis indica que la escuela activa en Espírito Santo se produjo a partir de una trama relacional conformada por viajes, lecturas y encuentros que sustentaron la elaboración de una reforma ecléctica. Dicha reforma tenía como referencia el modelo europeo, mientras que, al mismo tiempo, buscaba consolidarse como un modelo de cientificidad y de identidad inherentemente brasileña.

Palabras clave: Escuela activa. Escuela Nueva. Espírito Santo. Historia transnacional de la Educación.

Abstract

This text aims to examine the connections and networks that influenced the implementation of the active school reform in the state of Espírito Santo, Brazil, in relation to the formation processes of the International New Education Movement between the years of 1928 and 1930. In particular, it seeks to understand the links between the proposals developed in Brazil and ideas circulating at the international level. To this end, it draws on printed sources, government reports, and books, analyzed through dialogues with microhistory, connected histories, and the transnational perspective in the History of Education. The analysis indicates that the active school in Espírito Santo emerged from a relational framework shaped by travels, readings, and encounters that supported the development of an eclectic reform. This reform was inspired by the European model while simultaneously seeking to position itself as both scientifically grounded and inherently Brazilian.

Keywords: Active School. New School. Espírito Santo. Transnational History of Education.

Introdução

O tema da Educação Nova tem sido amplamente analisado na historiografia brasileira e internacional da Educação, sob diferentes perspectivas. No Brasil, observa-se que a história dos movimentos plurais que a compõem tem sido contada por diferentes prismas, incluindo análises de experiências locais diversas. Por um longo tempo, entretanto, o destaque para iniciativas e modelos desenvolvidos em grandes centros e para os nomes dos seus principais propagadores, de algum modo, pode ter invisibilizado sujeitos e iniciativas produzidas em regiões mais periféricas, interferindo na compreensão do fenômeno em contextos específicos. Mesmo que se confira cada vez mais espaço às iniciativas locais, uma parte dessa historiografia, nas últimas décadas, terminou por reproduzir certas narrativas e matrizes unificadoras na disputa pelo monopólio do *novo*, como já pontuou Carvalho (2012).

Ao tratar de uma historiografia que focaliza – principalmente, a partir da análise dos periódicos dos anos 1920 – contextos e autores nacionais e negligencia os nexos e as múltiplas redes que produziram o movimento internacional da Escola Nova, Vidal (2021: 12) indica que “recompôr o mosaico” das narrativas que o envolvem requer, numa virada epistemológica, partir de um referencial que supere a primazia dos contextos nacionais, orientando-se por uma perspectiva transnacional. Buscam-se, com isso, lentes que realcem a constituição das redes do ponto de vista macroscópico, mas que também evidenciem o micro, de modo a interrogar “[...] os percursos tramados pelos sujeitos, as apropriações/subversões efetuadas e os laços criados” (Vidal, 2021: 12).

Assim, em consonância com a perspectiva transnacional, com as histórias conectadas e, em diálogo com a proposta da micro-história, este texto mira a produção de uma historiografia da educação que considere pontos de partida diversos e distintos, capazes de contribuir para superar o estabelecimento de distinções entre aqueles que determinam e aqueles que se subordinam, movendo-nos dentro de “nossas caixas” e transcendendo-as, em busca dos frágeis fios que conectam (Subrahmanyam, 1997) a história de um movimento educacional. Desse modo, no olhar produzido sobre o movimento da Educação Nova, proponho, neste texto, um percurso que parta do local, mas que não se restrinja a ele.

Com o intuito de responder a algumas das questões que se abrem, este texto analisa conexões entre a produção local da escola ativa e os percursos nacionais e internacionais de constituição do movimento da Educação Nova, que com ela dialogam. De modo particular, em aproximação com a perspectiva transna-

cional em História da Educação (Vera y Fuchs, 2021; Vidal, 2021), a intenção é compreender as *redes* que conectam as produções locais com movimentos – educacionais, culturais e políticos – ocorridos no Brasil e com ideias em circulação em âmbito internacional, a dizer daquelas produzidas e difundidas pelo pedagogo genebrino Adolphe Ferrière (1879-1960), que emerge das fontes locais como um dos grandes inspiradores da escola ativa capixaba.¹

Nessa conjuntura, este texto toma como fontes documentos produzidos nas instâncias local, nacional e internacional, como: relatórios e mensagens governamentais; relatórios da secretaria da Instrução Pública; imprensa noticiosa e pedagógica produzida em âmbitos local, nacional e internacional; produtos da reforma, como o programa do curso de formação de professores e o jornal estudantil *Resumo Escolar*; livros e diário pessoal de Adolphe Ferrière. No entrecruzamento das fontes em sua diversidade, considera as relações de força (Ginzburg, 2002) que interferiram em sua produção. Na análise das relações e da circulação, os impressos periódicos contribuem para a compreensão das estratégias jogadas (Levi, 2000) pelos diferentes sujeitos que, a partir do local, teciam suas redes, entendidas como pontos de convergência,² que propiciaram a produção da escola ativa no Espírito Santo em suas singularidades e trocas, em conexões que ultrapassam suas fronteiras.

Ao partir do local, esta análise busca questionar as diferenças regionais/locais, sociais e culturais que propiciaram a produção de uma experiência local em diálogo com o movimento internacional da Educação Nova. Nesse sentido, este texto foi organizado em três movimentos. No primeiro, interroga as redes construídas pelos reformadores capixabas para formularem a escola ativa, considerando viagens, leituras e encontros. No segundo, analisa a maneira como a escola ativa se materializou no Espírito Santo, a partir de um curso de formação de professores e da criação de uma escola modelo. Por fim, pondera algumas repercussões das produções locais em diferentes espaços de discussão – eventos, periódicos, livros – sobre a escola ativa, considerando as relações com as associações nacionais e internacionais.

¹ Gentílico que designa pessoas/objetos nascidos/produzidos no estado do Espírito Santo, Brasil.

² Tomadas neste texto no sentido dos *hubs*, como indicam Vidal e Rabelo (2020: 13): “*Hub* consiste em uma espécie de nó, que se situa no meio de várias trajetórias. Não é necessariamente seu ponto inicial ou final, mas o ponto de contato. Portanto, não é condição ou resultado, mas convergência”.

Contexto de produção e materialização da Reforma da escola ativa no Espírito Santo

A reforma educacional implementada no estado do Espírito Santo ocorreu durante o breve governo de Aristeu Borges de Aguiar (1928-1930), constituído por um grupo de homens jovens, imbuídos do espírito do “novo” em circulação no Brasil daquele tempo. Suas ideias esbarravam no conservadorismo local e na precária situação de funcionamento em que se encontravam as escolas, bem como na ausência de formação para os professores capixabas que, em sua maioria, atuavam sem qualquer preparação (Berto, 2013).

As ideias-base da reforma proposta por Attilio Vivacqua, lançadas em 1928, que tomaram como matriz a escola ativa nos moldes preconizados por Adolphe Ferrière, foram estabelecidas a partir de contatos com múltiplas experiências e orientações teóricas. Provavelmente, o reformador não chegou a viajar ao exterior em busca de inspiração, mas as fontes locais indicam que ele e seus assessores visitaram, com alguma frequência, estados vizinhos, para observar o modo como o ideário importado vinha se materializando nas experiências em andamento, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Assim, a reforma escolanovista empreendida no Espírito Santo nasceu e se desenvolveu —dentro de seus limites— por meio de leituras, viagens, encontros e redes estabelecidos entre os reformadores capixabas e as ideias que circulavam pelo Brasil e no estrangeiro. Seja qual tenha sido o caminho, importa compreender que as ideias circularam e encontraram no Espírito Santo terreno fértil.

Ao final do mês de setembro de 1928, o jornal capixaba *Diário da Manhã* informou que o projeto de reforma da Instrução Pública no Espírito Santo encontrava-se em vias de ser discutido pela Câmara dos Deputados. A proposta ainda não continha muitos detalhes, mas já apresentava uma preocupação com as condições precárias do corpo docente estadual, propondo, entre as medidas iniciais, a criação de cursos de formação vinculados aos principais grupos escolares e escolas reunidas do estado, para formar professores que atuavam em áreas rurais. Comunicava, principalmente, que Vivacqua estava em viagem a São Paulo, em busca de exemplos, que colaborassem com a elaboração da reforma:

[...] o illustre jovem titular da pasta do ensino está fazendo em São Paulo, como já fez no Rio, observações pessoais sobre os novos moldes pedagógicos adoptados nas escolas daquelle Estado e do Districto Federal, devendo assim trazer idéas

que muito hão de contribuir para que seja um trabalho completo a reforma ora em estudos no Congresso Legislativo (A Reforma..., 1928: 1).

A viagem de que trata a matéria foi acompanhada pela imprensa local e registrada em jornais paulistas, que narraram, quase diariamente, o percurso de Attilio desde sua chegada em 15 de setembro. Vivacqua se encontrou, na ocasião, com o secretário do Interior do estado de Minas Gerais, Francisco Campos, que visitava São Paulo com a mesma finalidade, o que ampliava suas redes. Ambos foram recepcionados e ciceroneados pelo secretário do Interior, Fabio Barreto, e por outros nomes do governo e do parlamento paulista. Naqueles dias, Vivacqua visitou escolas normais da capital e do interior, o Instituto de Higiene, o Centro de Saúde modelo, a Escola Profissional Masculina, entre outros espaços; bem como reuniu-se com membros do governo, participou de inaugurações e concedeu entrevistas.

Em uma dessas entrevistas, ao jornal *Correio Paulistano*, Attilio afirmava: “São Paulo é uma grande e fecunda escola, que deve ser procurada pelos homens de governo. Aqui encontramos os mais valiosos ensinamentos, ao lado de uma sábia compreensão dos ideais que não podem deixar de orientar a nação brasileira” (Dr. Attilio..., 1928: 2). Ao indicar que, como secretário da Instrução, Vivacqua estaria em período de estudo para a composição de sua reforma, o articulista acrescentava que

Por isso é que s. exc. veio, agora, a São Paulo. A instrução no Espírito Santo, já muito desenvolvida no terreno da alfabetização, não poderá deixar de acompanhar, porém, as modernas exigências da pedagogia. O que já se fez por lá é moldado no que ha por aqui, orientação paulista (Dr. Attilio..., 1928: 2).

Orientação paulista e carioca, pois, para a composição da Reforma e de suas iniciativas, os reformadores também fariam viagens ao Distrito Federal. Nos relatórios de governo, nos programas de formação e na imprensa local, eram citados nomes de conhecidos educadores brasileiros que, por meio de reformulações educacionais empreendidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, inspiravam apropriações de uma orientação europeia, norte-americana e científica para a educação no país.

Foi assim que Vivacqua e seus assessores mobilizaram uma série de conhecimentos que acabariam por configurar uma reforma eclética, a reunir um conjunto de ideias, conceitos, aparelhos e métodos, entre os quais se destacariam

elementos como o cinema educativo, o rádio, o jornal escolar, as bibliotecas circulantes, os museus, as Semanas Educacionais e o escotismo. De uma dessas viagens ou desses contatos, provavelmente resultou o convite ao educador paulista Pedro Deodato de Moraes, que, naquele período, atuava como inspetor do ensino no Distrito Federal. Comissionado para colaborar com a reforma capixaba, ele talvez simbolizasse o ponto de encontro entre aquilo que se fazia em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Coube ao professor Deodato construir as bases científicas da escola ativa no Espírito Santo, por meio da primeira e mais importante iniciativa da reforma, destinada à formação docente. Assim, pelo Decreto nº. 9.750, de 30 de agosto de 1929, foi criado o Curso Superior de Cultura Pedagógica (CSCP), que tinha como orientação uma necessidade básica: “[...] preparação de um núcleo inicial de elementos capazes de cooperar eficazmente na realização da reforma do ensino” (Vivacqua, 1930: 4).

O curso teve a duração de dez meses e reuniu um grupo de 36 professoras e professores, escolhidos cuidadosamente pela secretaria para colaborar com a reforma. Reformular o ensino dentro dos novos moldes requeria preparar os professores; mas, por questões econômicas, essa preparação restringir-se-ia a uma elite de profissionais da educação do quadro estadual, que atuariam como multiplicadores da proposta de renovação educacional pretendida em todo o estado (Berto y Simões, 2016; Berto, 2013). O grupo foi, estrategicamente, constituído por normalistas, diretoras de grupos escolares, escolas reunidas e inspetores escolares, oriundos de diferentes localidades e que, portanto, poderiam contribuir com a expansão dos planos de reformulação educacional.

Amplamente propagandeado como carro-chefe da Reforma, o curso fundamentava-se em ideias diversas que beberam, inicialmente, nas influências do próprio Deodato de Moraes. No compêndio em que registrou a primeira parte do programa do curso, intitulada *Pedagogia científica*, o próprio Moraes se dizia “Discípulo de Pizzoli, Pierón e Fessard”³ (Moraes, s.d.: 12). De alguns deles, foi

³ Segundo Dadico e Siqueira (2021), o psicólogo francês Henri Pierón (1881-1964) era professor do *Collège de France* e trabalhava com psicologia experimental. Os autores contam que ele esteve no Rio de Janeiro em 1923, onde ministrou um curso de psicotécnica na Policlínica Geral, no Instituto de Alta Cultura do Rio de Janeiro. Também visitou São Paulo em 1926, para ministrar um curso sobre psicotécnica na Escola Normal. Toledo e Carvalho (2017) acrescentam que Pierón era um membro da LIEN com o qual Lourenço Filho se correspondia e de cuja obra —*Psicologia experimental*— foi tradutor em 1927. Alfred Fessard (1900-1982) foi aluno de Pierón e tornou-se, mais tarde, professor da mesma instituição. Também esteve em São Paulo ao final dos anos 1920, por iniciativa do Consulado Francês. Por fim, Ugo Pizzoli era médico e vinculado à Universidade de Modena, na Itália. De Pizzoli, consta que Moraes chegou a ser aluno no Curso de Alta Cultura Psicológica, realizado em 1914, na Escola Normal da Praça, em São Paulo (Monarcha, 2009).

aluno em cursos ministrados no Rio de Janeiro e em São Paulo. É essa formação que tomou como base para organizar o CSCP, tanto no tocante à seleção dos conteúdos que comporiam o currículo do curso, quanto relativamente ao nome escolhido para designá-lo. Na abertura do compêndio, ele dizia: “[...] manda a sinceridade dizer que aproveitei muitos apontamentos das aulas desses mestres para desenvolver vários pontos das minhas lições” (Moraes, s.d.: 12).

Para conduzir a mais relevante obra da reforma, o convidado não era, portanto, um educador qualquer. Além de ter participado dos cursos ministrados por intelectuais estrangeiros, circulava nos espaços de discussão da Associação Brasileira de Educação (ABE), no Distrito Federal, onde atuava como inspetor de ensino. Em 1927, participou da I Conferência Nacional de Educação (CNE), realizada em Curitiba, no Paraná, como desdobramento das iniciativas da Associação. Nesse espaço, defendeu uma tese que, de algum modo, anunciava as ideias que seriam replicadas no programa do curso no Espírito Santo: a Escola Nova era a escola social, científica, da saúde, do trabalho e da orientação das profissões. No programa do curso de formação capixaba, esses mesmos temas foram transformados em lições, com uma alteração: o termo “Escola Nova” foi substituído por “escola activa” (Berto y Simões, 2016).

Durante uma viagem ao Rio de Janeiro, quando o curso já estava em andamento, Deodato, que era membro do Conselho Diretor da ABE (Carvalho, 1998), proferiu uma conferência sobre a escola ativa do Espírito Santo na sede da entidade. A notícia circulou em jornais cariocas⁴ e, em entrevista concedida ao jornal *Diário da Noite*, Deodato descreveu pormenores do currículo do curso, indicando um misto de pedagogia científica, métodos educacionais, matrizes teórico-práticas, questões técnicas e sociais e brasilidade:

Nesse curso superior, que está em pleno funcionamento, são ministrados conhecimentos de Pedagogia Científica, abrangendo noções gerais sobre pedagogia, exame somático (morfológico, antropológico, psicológico), exame fisiopsicológico, psicotécnica, psicanálise, higiene escolar e pedagogia, educação física; Didática, abrangendo fins, princípios e meios de ensino, modos, métodos, formas e processo de ensino; Escola Activa, desdobrada em velhos e novos métodos educativos, a escola como fundamento social e democrático, tenden-

4 A notícia da conferência intitulada “A escola activa brasileira do Espírito Santo: ideias e realizações”, circulou em diversos jornais cariocas como: *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Diário da Noite*, *A Notícia* e *Correio da Manhã*. Esses impressos e outros tomados como fontes neste texto podem ser acessados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

cias instructivas e latentes, typos de escolas de trabalho, a escola funcional ou activa, escola activa, typo de Montessori, a escola activa de Decroly, varios typos de escola activa americana, a escola activa e a saude, a escola activa e o sentimento de brasilidade (como organizar a escola activa brasileira, escolas transitorias e escolas de ensaio), o problema da saude na escola activa, etc.; questões thecnicas e sociaes abrangendo a escola normal (Os Novos..., 1929: párr. 6).

As redes pelas quais a reforma da Instrução no Espírito Santo foi constituída, também é marcada pela relação com as associações educacionais. Logo no primeiro ano da atuação do governo, criou-se o Departamento Estadual da ABE. O órgão, presidido localmente por Ubaldo Ramalhete Maia, secretário da Instrução no governo anterior, teve em seu Conselho Diretor o próprio Vivacqua, e tinha um intuito próximo do que propunha a ABE carioca: agregar uma elite intelectual local capaz de pensar a educação.⁵ As Semanas de Educação, por exemplo, incentivadas pela ABE do Rio de Janeiro, passaram a ser realizadas localmente sob a condução de Maia.

Entre brasileiros ilustres e entidades nacionais, outros nomes estrangeiros se destacam: primeiramente, Adolphe Ferrière e Ovide Decroly, mas também John Dewey, Edouard Claparède, José Mallart y Cutó e Léon Walther passaram a ser mencionados com alguma frequência nos documentos da Reforma, como inspiradores e criadores de modelos a serem implementados e adaptados. Pelo menos três desses nomes, incluindo Ferrière, estavam ligados ao Instituto de Ciências da Educação Jean-Jacques Rousseau (IJJR),⁶ fundado em 1912, em Genebra, por Claparède, e dirigido por Pierre Bovet, “[...] com o intuito de fomentar a formação de educadores e propagar novas ideias educativas” (Vidal y Rabelo, 2020: 17-18).

Por sua participação na Conferência de Calais no começo da década de 1920, especialmente com a criação da *Ligue Internacional pour l'Éducation Nouvelle*,⁷

⁵ Como indica Carvalho (1998), a ABE inspirava-se na *National Education Association* norte-americana e tinha como propósito formar um núcleo de intelectuais que pudessem pensar a Educação. Para isso, pretendia formar departamentos estaduais que atuassem de forma independente e, que, em conjunto pudessem coordenar as iniciativas educacionais espreiadas pelo Brasil.

⁶ O Instituto Jean-Jacques Rousseau foi incorporado à Universidade de Genebra em 1932 e os avanços desse órgão acabaram por colocar Genebra como um dos principais centros do movimento pedológico (Monarcha, 2009). O Instituto reunia representantes de todo o mundo, entre os quais estavam alguns brasileiros, o que fazia disseminar internacionalmente os novos discursos científicos da educação.

⁷ Conhecida em língua portuguesa como Liga Internacional pela Educação Nova (LIEN) ou, ainda, *New Education Fellowship*, como se convencionou chamar a mesma organização em países anglófonos (Vidal y Rabelo,

Adolphe Ferrière se tornou “[...] figura-chave do IJRR na militância internacional, prestígio que cresceu com o sucesso obtido pelo livro *L'école active*, saído em 1922” (Vidal y Rabelo, 2020: 18) e publicado em língua portuguesa sob o título *A escola activa*, apenas em 1934. Ainda que não houvesse uma edição dessa obra em português no período da reforma no Espírito Santo, as menções a Ferrière e às suas ideias são recorrentes, principalmente a partir de outra obra, publicada em 1929 no Brasil, como parte da *Coleção Biblioteca de Educação*, organizada por Lourenço Filho:⁸ *A lei biogenética e a escola activa*. Essa produção integrou o currículo do curso de formação ofertado no estado e orientou a organização da escola modelo na qual o curso foi ministrado.

Localmente, ao tratar da reforma da escola ativa, o editor do impresso de cunho cultural *Vida Capichaba*, Elpidio Pimentel, exaltava a Suíça e o IJRR como centro irradiador do novo em educação, dizendo:

A Suíça substitue, agora, a Italia de Leão X. Genebra, com o Instituto ‘J. J. Rousseau’, donde se irradiam as convicções apostolares de Ferrière, está valendo mais que a Florença dos Médicis. O mundo inteiro quer que o século da escola seja um marco de ouro na sua evolução. E, sendo assim, era infalível que o Brasil se alistasse na vanguarda das nações, onde o problema do ensino, desenvolvido e solucionado pelos seus pedagogos de fama, é cruzada, que empolga e absorve todos os interesses (Pimentel, 1929: 1).

As conexões com ideias que ultrapassavam as fronteiras do estado do Espírito Santo também se materializaram por meio de algum contato direto com seus idealizadores. O fato de ser uma cidade portuária tornava a capital, Vitória, um lugar de passagem, o que talvez tenha propiciado a visita do psicólogo russo Léon Walther, em setembro de 1929. Ele integrava o IJRR, onde desenvolvia, ao lado de Edouard Claparède, estudos relativos à organização científica do trabalho no Centro de Orientação Profissional (Monarcha, 2009).

Walther passou pelo Espírito Santo quando estava retornando para a Europa, depois da contribuição que prestou à reforma do ensino do estado de Minas Gerais. Segundo matéria publicada no *Diário da Manhã*, encontrou-se com Attilio Vivacqua, assistiu a uma parada escolar, visitou o CSCP e a Escola Activa

2020). A entidade foi criada em 1921 por Beatrice Ensor, Adolphe Ferrière e Elizabeth Rotten e tinha a intenção de “[...] difundir diferentes soluções pedagógicas, incentivando sua adaptação às necessidades de diferentes países ou escolas, sem defender nenhum método de educação em particular” (Carvalho, 2007: 280).

⁸ O livro foi publicado como parte da Coleção Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho.

de Ensaio, onde o curso se materializou, e disse, em entrevista a esse jornal, ter ficado “[...] vivamente impressionado com a precisão científica, a capacidade *technica* e a preocupação superior de brasilidade com que o Espírito Santo está organizando a sua escola activa” (Dr. Leon..., 1929: 1).

Como contraponto às ideias estrangeiras, Sezefredo Garcia de Rezende, assessor de Attilio, esforçava-se na tentativa de conferir “cores locais” a essa escola ativa, a partir de outras referências, com ares de brasilidade. Foi ele o provável mediador entre Vivacqua e os antropofagistas Oswald de Andrade, Raul Bopp e Tarsila do Amaral. Não por acaso, a escola ativa do Espírito Santo foi citada na *Revista de Antropofagia* e na revista *Movimento Brasileiro*⁹ mais de uma vez. A ela Rezende daria a curiosa denominação de Escola Activa Antropofágica. Em uma dessas referências, ao criticar as reproduções da Educação Nova no Brasil, o assessor (Rezende, 1929: 12) dizia que:

As doutrinas de Ferrière, Decroly, Kerchensteiner e Dewey surgiram apenas traduzidas com *emphase*, na bôcca dos nossos educadores. E sem, ao menos, um trabalho criterioso de adaptação dos princípios da escola nova às realidades brasileiras iniciou-se, em todo o paiz, a doutrina da pedagogia moderna. É claro que não estou me insurgindo contra esse movimento inovador como contribuição indispensável da cultura estrangeira. Seria situar o Brasil num regionalismo sem *physionomia* própria e sem finalidade.

Homem das Letras e da Literatura, Garcia de Rezende era um seguidor das ideias modernistas filiadas ao Movimento Antropofágico. Passou a vislumbrar nessas ideias um elemento de diferenciação da *escola activa* que estava em processo no Espírito Santo. Sua inspiração era, principalmente, a formulação desse movimento que condenava a importação de ideias e valorizava as características genuinamente brasileiras. Em sua compreensão, uma escola antropofágica seria capaz de superar o ensino tradicional e as práticas “deformadoras das inteligências” ensejadas pelo antigo mestre-escola, figura incompatível com a nova educação. Uma escola antropofágica, ao contrário, levaria em conta as personalidades, a vida dinâmica e o meio no qual vivem as crianças.

Para Rezende, a *escola activa* seria a única que daria conta do momento espírito-santense, mas sem “[...] seguir, á risca, a orientação europeá, pois não

⁹ A revista *Antropofagia* foi produzida por Oswald de Andrade e Raul Bopp, em São Paulo, e circulou entre maio de 1928 e agosto de 1929. *Movimento Brasileiro*, por sua vez, era carioca e circulou entre 1929 e 1930, tendo como editor Renato de Almeida.

corresponderia às condições do nosso meio” (O Ensino..., 1929: 3). Assim, acreditava que a relação com a Antropofagia ofereceria à *escola ativa* capixaba o diferencial de que ela precisava para se implantar como movimento e alcançar visibilidade em meio a outras reformas escolanovistas no país, inspiradas, declaradamente, em inovações europeias e norte-americanas. Rezende parecia tentar, dessa maneira, inventar para a escola ativa capixaba “[...] uma origem, apelando para a diferença”, “Para não se tornar, ela própria, objeto de indiferença” (Hous-saye, 2007: 296-297).

A relação da Antropofagia com a *escola ativa* no Espírito Santo era obra de Garcia de Rezende, que se constituiria, talvez, como seu grande propagandeador, dentro e fora do estado. Ainda que, por questões familiares, Attilio Vivacqua tivesse contato com alguns modernistas (os mineiros em especial), parecia estar mais preocupado com as leituras e as apropriações que fazia das ideias de Ferrière, Decroly, Dewey ou Claparède. Apesar de enfatizar a necessidade de não se copiar do estrangeiro, estava mais interessado no sucesso da reforma e em sua repercussão.

Materializações da reforma da escola ativa no Espírito Santo

Delineadas as bases teóricas e constituídas as redes iniciais, o Curso Superior de Cultura Pedagógica teve lugar junto ao Grupo Escolar Gomes Cardim, o único da capital Vitória, que, naquela ocasião atendia aos pressupostos de uma escola republicana (Faria Filho y Vidal, 2000). Nesse espaço se constituiu a Escola Activa de Ensaio, uma escola de aplicação arquitetada e aparelhada para funcionar como centro irradiador da educação ativa para todo o estado, no qual aconteceram, especialmente, as aulas práticas e técnicas do curso, conduzidas junto aos estudantes do grupo escolar, sob a forma de “aplicação” dos métodos pelos participantes do curso. O curso formaria os “[...] vanguardeiros das idéas e praticas da pedagogia activa” (Vivacqua, 1930: 3), que abririam caminho para a implementação de outros centros modelares em diferentes regiões do estado.

O programa do curso de formação organizava-se em aulas teóricas, práticas e técnicas. As aulas teóricas aconteciam em conferências públicas, ilustradas por uma “documentação científica”, geralmente baseada em diagramas, esquemas e gráficos. Delas poderiam participar pessoas que não tivessem vinculação com o curso ou com a secretaria da Instrução. As aulas práticas e técnicas, por sua vez, ficariam a cargo dos próprios cursistas, que “aplicariam” os métodos aprendi-

dos sob a supervisão de Deodato de Moraes. Nas aulas técnicas, por exemplo, aprenderiam a trabalhar com testes e exames diversos que passavam por avaliações físicas, fisiológicas, sensoriais e mentais (Vivacqua, 1930).

A organização da escola seguia a proposta das salas-ambiente com base no método Decroly, indicado no livro *A lei biogenética e a escola activa*, no qual Adolphe Ferrière recomendava salas especiais para cada um dos campos do conhecimento na escola. Tomava como referência a escola do pedagogo e médico belga Ovide Decroly (1871-1932) em Bruxelas, organizada a partir dos *centros de interesse*. Assim, a estruturação do espaço, conforme as indicações de Ferrière, deveria ter: uma “sala da vida”; uma “sala das medidas”; uma “sala de historia e geografia”; uma “sala dos trabalhos”, com oficinas de carpintaria e costura; uma “sala de expressão”, para desenho, artes plásticas e folclore; um refeitório; uma biblioteca escolar; um museu; e uma biblioteca para professores. Seguindo quase à risca esse modelo, a escola foi aparelhada com equipamentos, mobília e materiais considerados modernos, entre os quais: aparelhos de medição para a *sala de saúde*; máquinas de projeção para a *sala de observação – terra e vida*; livros, filmes e demais dispositivos para a *sala de documentação*; e cinematógrafo para a *filmoteca*.

A organização do espaço conformava a ideia de formação para a vida e para o mundo do trabalho: dos meninos/homens para as indústrias emergentes, para o trabalho manual e para o empreendimento; das meninas/mulheres, para serem mães e donas de casa. Essa proposta dialogava com as proposições de Ferrière, no livro *A escola activa*, segundo o qual: “Aquê que, desde infante, aprendeu a trabalhar, no sentido restrito mas superior dêsse têrmo, aquele para quem a escola da vida tenha sido a escola do trabalho, êsse saberá ir longe” (Ferrière, 1934: 3).

No programa do curso, a temática do trabalho ganhou centralidade juntamente com outros dois temas: a saúde e a higiene, que também deveriam ser ensinados às crianças desde cedo. Na Escola Activa de Ensaio, a sala da saúde era considerada a mais importante, pois nela “[...] se ensinam e applicam os principios hygienicos, dos novos programmas, e donde parte a orientação para a educação physica e intellectual da creança, como resultado dos exames que ali se fazem” (Espírito Santo, 1930: 86). Como tema debatido em âmbito nacional, essa orientação emanava também das formulações da ABE, da qual Moraes era membro. Inspirado em Ferrière, ele defendeu a inclusão da saúde nos programas escolares durante a I CNE, em texto republicado no jornal *Diario da Manhã* em 1929:

A lei biogenética segundo a qual o indivíduo deve ser antes um bom animal para ser mais tarde um bom civilizado é a pedra angular da Escola Activa. Que importam métodos, processos, livros e aparelhagem ótimos quando a matéria prima não está em condições de ser preparada? Ninguém pode ensinar uma pessoa doente. Saúde em primeiro lugar e depois sabedoria (Moraes, 1929: 1).

Em uma escola organizada desse modo, o papel do professor também se alterava. Ele deveria ser “[...] apenas, o guia inteligente dos alunos. Eles próprios [os alunos] é que organizam o seu estudo de acordo com as observações feitas nesses vários departamentos da escola” (Rezende, 1930: 12). Em termos práticos, os professores aguardavam nas diferentes salas, de acordo com sua especialidade, e os alunos faziam o rodízio. Assim, estudantes e professores integravam um programa flexível, que, ao mesmo tempo em que tinha como ponto de partida o *self government*,¹⁰ também propunha que se desenvolvesse “[...] o sentimento da solidariedade [...], afim de fixar, com precisão e clareza, as noções aprendidas” (Vivacqua, 1929: 20).

Na direção de um aprendizado autônomo pela criança, o cinema escolar e o rádio tornaram-se recursos imprescindíveis de uma escola que se pretendia moderna. A adoção dessas ferramentas fundamentava-se, segundo os relatórios de Attilio, em experiências norte-americanas¹¹ e europeias, mas também se conectava às iniciativas em curso em São Paulo e no Distrito Federal (Paulilo, 2001). Desse modo, o cinema e o rádio, considerados por Attilio como “[...] os melhores professores do momento” (Vivacqua, 1929: 10), alçaram centralidade nos discursos e nas propagandas governamentais. A defesa desses elementos envolvia a economia do tempo, na direção da ideia de “[...] maior rendimento com esforço mínimo”, como propunha, também, Ferrière (1929).

Em editorial da revista *Vida Capichaba*, o professor Elpidio Pimentel que era editor do impresso, ao exaltar o método desenvolvido por Ovide Decroly e a pedagogia importada da Suíça, e mostrando-se preocupado com a insuficiência didática dos professores capixabas, recomendava ao secretário de Instrução a aquisição de filmes produzidos em Genebra.

¹⁰ No regime de *self government* esperava-se que a criança desenvolvesse o senso de responsabilidade e a possibilidade de progressão sem precisar se submeter a exames (Vivacqua, 1930).

¹¹ Attilio cita, diretamente, pesquisa realizada por Dr. Ben D. Wood, da Universidade de Columbia, e Dr. Frank N. Freeman, da Universidade de Chicago, as defesas do cinema por Edouard Henriot, quando foi Ministro da Instrução Pública na França e as experiências de professores de Berlim e Viena, chegando a citar até mesmo Mussolini, no discurso que inaugurou a Vila Folamieri, em 1928.

O jornal estudantil *Resumo Escolar*, por sua vez, destinado exclusivamente às escolas, foi pensado para ser um veículo de atualidades para os estudantes. É possível que sua concepção estivesse inspirada nas proposições do pedagogo francês Célestin Freinet (Berto y Simões, 2024) sobre o impresso escolar. Entretanto, no Espírito Santo, ele ganhou uma configuração diferente: produzido no âmbito da secretaria de Instrução, foi, desde o seu primeiro número, meio para fazer chegar alguma orientação aos professores que atuavam nas escolas do interior, que não acessariam de outro modo e com a urgência necessária, as temáticas debatidas no CSCP. Nesse impresso, era possível acessar desde matérias sobre as questões teóricas da escola ativa até modelos de aulas a serem replicadas pelos professores.

Além do cinema, do rádio e do jornal escolar, apresentados com frequência na propaganda da reforma, o escotismo, prática incentivada no âmbito da ABE (Carvalho, 1998), também ocupava um lugar importante na escola ativa capixaba, já que Attilio havia sido escoteiro por muitos anos. Para reorganizar essa prática no estado, ele convidou Gabriel Skinner, professor e chefe de escoteiros que atuava no Distrito Federal. Além disso, citava em seu relatório um congresso que seria realizado em Londres, sob a condução de Baden Powel (Vivacqua, 1929).

Por fim, o governo propunha ampliar as bibliotecas escolares e criar as chamadas bibliotecas circulantes, que levariam a leitura aos mais distantes rincões. Museus, exposições, círculos de pais e professores, associações, bancos e cooperativas escolares compunham o conjunto das chamadas instituições complementares da escola, algumas das quais não chegaram a se concretizar. De todo modo, esses eram, em termos práticos, os principais elementos a conferir o ar moderno de que as escolas capixabas careciam, segundo os ideais de Vivacqua e de Rezende.

Desenhada a reforma e constituídos os espaços modelares, o desafio era fazer com que essas ideias e esses elementos chegassem às escolas mais distantes e alcançassem os diferentes grupos que constituíam o Espírito Santo: um estado pequeno, mas diverso em termos de geografia e constituição demográfica. Era preciso atingir as pequenas escolas do interior, as escolas de imigrantes, o ensino rural e no litoral, de modo a atender às particularidades de uma população diversa.

Entre 1928 e 1930, as escolas isoladas localizadas em áreas rurais constituíam a maior parte das instituições educativas no estado. O ideal republicano que envolvia a criação de grupos escolares (Faria Filho y Vidal, 2000) estava longe de se concretizar, haja vista as dificuldades econômicas que o estado atra-

vessava. Relatórios de inspetores escolares dão uma ideia da precariedade dos prédios, tanto do ponto de vista estrutural, quanto material, o que levava Vivacqua, respaldado nos escritos do espanhol José Mllart y Cutó, a incentivar aulas ativas ao ar livre, de modo que mesmo em “[...] velhas, pequenas e pobres casas da escola tradicional, [...] penetre o espírito novo, fecundo e irradiante da pedagogia *dynamica*” (Vivacqua, 1930: 25).

O mesmo acontecia com os professores: a maioria não tinha preparação suficiente. Dos 878 docentes listados em um dos relatórios de governo, apenas 304 haviam recebido formação em escolas normais. Os demais, quase 600 docentes de concurso, seriam submetidos a um exame de capacidade técnica, que requeria conhecimentos mínimos de leitura e aritmética. Era, portanto, um número de professores difícil de preparar de modo efetivo. A proposta era que a formação desses docentes acontecesse de duas maneiras: pela criação de espaços em grupos escolares e escolas reunidas, para que realizassem experimentações de escola ativa; e pela via dos inspetores escolares, incumbidos de divulgar e ensinar os novos métodos aos professores das escolas que fiscalizavam.

No relatório que Vivacqua apresentaria em outubro de 1930 na Reunião da Federação Nacional das Sociedade de Educação (FNSE), ao tratar da Escola Activa de Ensaio como centro irradiador, dizia que:

Organização idêntica terão, talvez ainda neste anno, as escolas annexas á Escola Normal Pedro II, os grupos escolares de Cachoeira do Itapemirim, Castello, Alegre, Veado, Mimoso, Muquy, Colatina, que desempenharão a função de institutos-modelo, onde serão iniciados e treinados nos novos methods os professores do Estado. Estamos preparando também um padrão de escola rural unitaria, obediante ás normas da actual remodelação didactica do Estado.

Temos, assim, os primeiros centros organizados de experimentação e irradiação dos princípios da reforma, que, dentro de pouco tempo, completará sua aparelhagem executiva com a transformação integral dos nossos estabelecimentos normais em matrizes do professorado da pedagogia nova, e com a instituição da Escola de Aperfeiçoamento, que manterá o nosso corpo magisterial dentro do evolucionismo pedagógico (Plano..., 1930: 2).

O secretário da Instrução Pública do Espírito Santo talvez ainda não soubesse, mas os planos da reforma seriam interrompidos pelo evento político conhecido no Brasil como Revolução de 1930, quando toda a equipe do governo de Aristeu Borges de Aguiar seria deposta e substituída pelo governo intervencio-

nista de João Punaro Bley, cujas iniciativas caminhariam no sentido da descontinuidade da reforma.

Além das permeáveis fronteiras: repercussões nacionais e internacionais da escola ativa capixaba

Se por leituras, viagens e encontros chegaram ao Espírito Santo as ideias da escola ativa, também por essas mesmas vias a reforma extrapolaria suas permeáveis fronteiras e repercutiria em outras terras. O nome de Attilio Vivacqua e informações sobre a escola ativa capixaba passaram a circular intensamente no recém-criado jornal *Diário de Notícias*, mais especificamente na *Página de Educação*, a cargo de Cecília Meireles, a partir de junho de 1930. Nesse espaço, o Espírito Santo foi tema de quase trinta matérias, entre junho e dezembro daquele ano. O jornal carioca parece ter sido, fora do estado, o maior propagandeador da *escola activa* do Espírito Santo.

As primeiras matérias publicadas nessa seção envolveram a transcrição, em cinco partes, de um relatório do secretário da Instrução. Em uma delas, dizia-se que a reforma estava em execução no Espírito Santo “[...] com segura visão do momento, pelo mais jovem dos reformadores brasileiros, revelando a cultura, a capacidade e a experiência que raros velhos lograram alcançar depois de uma vida de longos estudos” (A Nova..., 1930: 5). A partir daí, o jornal passou a conferir lugar de destaque aos acontecimentos relativos à instrução capixaba, nomeando-os de “Reforma Vivacqua”. Entre as matérias, encontram-se diversos temas, como: bibliotecas circulantes, cinema educativo, escotismo, educação artística e música.

Em agosto daquele mesmo ano, Attilio Vivacqua recebeu a visita da professora Mercedes Dantas Itapicuru Coelho, que estava em missão oficial pelo Brasil, representando a FNSE,¹² criada por Vicente Licínio Cardoso, a partir de dissensões no âmbito da ABE (Carvalho, 2007; Vidal y Rabelo, 2020; Pires, 2021). Designada para visitar os estados do Norte, entre os quais se incluía naquele

¹² Segundo Carvalho (2007: 290), a FNSE “[...] é uma referência ausente na memória do movimento educacional brasileiro”. Foi fundada por Vicente Licínio Cardoso, um dos presidentes da ABE, em 1928, e presidida por José Augusto Bezerra de Menezes a partir de uma dissensão no interior da ABE, quando passou a ser controlada por educadores católicos. Segundo a autora, Licínio viajou por todo o Brasil para propagandar a entidade, encontrando apoio na Sociedade de Educação paulista, que passou a promovê-la, considerando que o Conselho Diretor da ABE desautorizou Licínio a falar em seu nome. Assim, quando a ABE reagia contra os rumos educacionais no Brasil, a FNSE passou a ser uma alternativa institucional.

período o Espírito Santo, Mercedes estava incumbida de convidar o secretário para a reunião da FNSE e fundar associações regionais, como foi o caso da Sociedade Espírito-Santense de Professores, criada por ela em 1.º de setembro de 1930, após uma assembleia que reuniu diversos professores capixabas na Escola Normal D. Pedro II. Nesse espaço, também conferenciou sobre a reforma do ensino no Distrito Federal.

Após visitar a Escola Activa de Ensaio e assistir às aulas do CSCP, disse em entrevista ao *Diário da Manhã* que o Espírito Santo se encontrava “[...] acima de todos os Estados nortistas que acabo de visitar” (A Escola..., 1930: 1); impressão reafirmada em matérias e entrevistas concedidas a jornais cariocas, como o *Jornal do Brasil*, ao qual disse:

Falta-me fallar de Pernambuco e Espirito Santo. Assumpto para palestras tal a importancia do trabalho que esses dous Estados estão realizando em matéria de educação e ensino. Pernambuco, mais uma veaz o digo, é o maior centro de renovação educacional de todo o Norte. **E Espirito Santo, mais perto de nós, nada lhe fica a dever** e é um exemplo digno de todas as atenções dos que se interessam pelo maior problema nacional que é o da educação popular.

Claro que a solução desse problema depende de muitos factores e o principal, como todos sabemos, é o financeiro. Nem aqui desejo analysar a questão. Disse-lhe o que mais agradavelmente me impressionou durante minha viagem, mas por essas tentativas, esses ensaios, aspirações e ideais, todos vemos, com boa vontade, que a instrução publica pelo Norte é ou vae sendo, em geral, uma nobre preocupação. A obra, principalmente do Attilio Vivacqua, **Deodato de Moraes em Espírito Santo**; Carneiro leão, José Escobar em Pernambuco; Moreira de Souza em Ceará, merece a homenagem da imitação (O Ensino..., 1930: 7, grifo meu).

Em atendimento ao convite de Mercedes Dantas, Attilio viajaria para a Reunião da FNSE ao final do mês de setembro e, segundo Garcia de Rezende observava em notas diárias sobre esse evento, aquele teria sido o espaço a dar visibilidade à escola ativa capixaba fora do Espírito Santo. Talvez, essa viagem ao Rio de Janeiro tenha sido mesmo um dos momentos de maior circulação da reforma educacional empreendida no estado. Tal observação pode ser, inicialmente, respaldada em um conjunto de fontes que integram o Acervo Fernando de Azevedo, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo,¹³ que trata da participação do Espírito Santo na referida Reunião.

¹³ Disponível em: <https://www.ieb.usp.br/>

Nesse acervo, encontram-se dezenas de recortes jornalísticos dedicados à reforma educacional no Espírito Santo e à participação de Attilio Vivacqua na Reunião da FNSE, quando o secretário —assim como ocorreu com reformadores de outros estados— teve espaço para apresentar os fundamentos e as produções da reforma, como indicava a nota do jornal *O Paiz*:

Amanhã, sabbado, será o dia do Espirito Santo, em que o Dr. Attilio Vivacqua apresentará o seu trabalho. Trata-se de um relatorio do que se tem feito no Espirito Santo em materia de pedagogia nova, acompanhado por uma volumosa e preciosa documentação, constando de gravuras, impressos, resultados de aulas, estatisticas, toda a completa organização, emfim, da escola activa, já em pleno e efficiente funcionamento naquele Estado.

Em seguida á leitura do relatorio será inaugurada a exposicao da escola activa com que o Dr. Attilio Vivacqua dará uma impressão exacta da sua avançada reforma (Reunião..., 1930,: 2).

No dia seguinte, o *Diario de Noticias* publicaria o relatório completo apresentado por Attilio, em quatro páginas do jornal, com detalhadas informações sobre o programa do CSCP, já encerrado àquela altura, indicando que os professores que dele participaram apresentaram teses de final de curso sobre os temas estudados. Descrevia, também, detalhes sobre: a organização da Escola Activa de Ensaio por salas-ambiente; os planos para a criação de escolas modelo em municípios do interior do estado; a irradiação dos novos métodos em escolas particulares; questões relativas ao aspecto econômico da reforma; o alcance da reforma em todo o estado e a preocupação com a expansão do ensino público (Plano..., 1930). Uma matéria publicada no jornal *O Globo* no começo de outubro de 1930, acrescentava:

[...] o que apresentou esse estado foi um verdadeiro conjunto de provas de que a instrução publica espiritosantense está francamente num caminho de praticas, onde ha quem não saiba o que apreciar mais, se as formas novas e originais adoptadas, se o exemplo com que está se desenvolvendo a obra educativa no Espirito Santo (O Estado..., 1930: párr. 1).

Durante a estada no Rio de Janeiro, Vivacqua foi à redação do jornal *Diario de Noticias*. Agradeceu as menções à reforma e ao seu nome e concedeu nova entrevista a Cecília Meirelles. Uma matéria e uma fotografia foram publicadas em destaque na *Pagina de Educação* em 26 de setembro de 1930. Na ocasião,

ênfatuou a importância dos contatos e das redes com outras experiências no estabelecimento da Reforma que, para ele:

Repousa sobre experiências feitas com todo o cuidado, inspiradas pelas dos pioneiros da educação de todo o mundo, mas orientada segundo as condições especiais do meio a que se dirige. E', portanto, uma lei exequível, sem o excesso de theorias impraticaveis (A Reforma..., 1930: 4).

Após o encerramento da Reunião da FNSE, o Espírito Santo apareceu citado em outras publicações dentro e fora do Brasil. O *Boletim de Educação Pública* (BEP) foi um desses espaços. Criado no âmbito da Diretoria Geral de Instrução do Distrito Federal, durante a Reforma Fernando de Azevedo, o veículo propunha-se a: “[...] difundir o pensamento escolanovista aos professores cariocas, de maneira a torná-los cada vez mais aptos a levar a efeito os dispositivos da reforma” (Vidal y Camargo, 1992: 410-411). No quarto número desse impresso, narra-se brevemente a participação do Espírito Santo na FNSE, indicando tratar-se de “[...] uma obra não individual, mas feita com a colaboração de todos; é a expressão de uma obra colectiva” (Boletim de Educação Pública, 1930: 575).

Em meio à complexa trama que envolvia as disputas entre os intelectuais que compunham as entidades educacionais brasileiras —ABE e FNSE—, Carvalho (2007) e Vidal e Rabelo (2020) narram tentativas de se criar no Brasil uma seção da Liga Internacional pela Educação Nova (LIEN). Segundo Loureiro (2024) e Pires (2021), Ferrière já vinha construindo suas redes relacionais no Brasil, por meio de correspondências trocadas com educadores brasileiros, como foi o caso de Laura Lacombe, Celina Padilha e Lourenço Filho, mas parece ter sido Licínio Cardoso —profundamente envolvido com a Reforma Fernando de Azevedo no Distrito federal— que, a partir de Paris, fez o contato com Ferrière e preparou a sua visita ao Brasil.

Assim, após visitas a outros países da América do Sul, patrocinado pela LIEN para difundir as novas ideias pedagógicas, o pedagogo genebrino, que havia sido avisado dos acontecimentos políticos brasileiros, insistiu na viagem e chegou ao porto do Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1930, em meio à eclosão da chamada Revolução de 1930. Uma parte da historiografia da educação indica que ele teria sido impedido de pisar em solo brasileiro (Carvalho, 2007); mas a investigação de Pires (2021) conta, com base no diário pessoal do próprio Adol-

phe Ferrière,¹⁴ que ele não somente desembarcou na capital federal, como também visitou a sede da FNSE, encontrou-se com educadores brasileiros e, com um membro da embaixada da Suíça, posou para uma fotografia¹⁵ jantou em um hotel e caminhou pelo Cais do Porto. Como ele mesmo diz no prefácio do livro *L’Amérique Latine adopte l’école active*, publicado em 1931:

O Brasil [...] escapou-nos pela revolução que o abalou de 3 a 24 de outubro. Em agosto, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores, a Federação das Associações Pedagógicas convidou-nos para ir de 15 de outubro a 15 de novembro. Quando desembarcamos no Rio de Janeiro, em 23 de outubro, já não havia mais Ministério das Relações Exteriores e asseguraram-nos que seu substituto ignorava as promessas de seu antecessor. Não tínhamos nada melhor a fazer do que voltar para casa (Ferrière, 1931a: 15, trad. minha).¹⁶

Foi por meio da rápida passagem de Ferrière pelo Brasil, que a reforma realizada no Espírito Santo atravessou fronteiras continentais e foi parar em um impresso da LIEN. Os relatos mais conhecidos dessa viagem estão publicados no número 67, de 1931, da revista da Liga, *Pour l’Ère Nouvelle*.¹⁷ Como não foi possível acessar diretamente as experiências de inovação escolar no Brasil, como fez nos outros países que visitou, Ferrière baseou-se nas leituras de alguns impressos locais,¹⁸ recebidos das mãos da educadora Celina Padilha, uma de suas correspondentes no Brasil (Pires, 2021; Loureiro, 2024).

¹⁴ Por exemplo, impressos cariocas como o *Diário da Noite*, que chegou a publicar, no dia da visita, em 1930, uma fotografia tirada no Brasil (também disponível no acervo do IJRR) e do *Diário de Notícias*, que no ano seguinte publicou na Página de Educação, uma carta de Ferrière a Francisco Campos (Pires, 2021).

¹⁵ A fotografia encontra-se no acervo do IJRR, em Genebra, na Suíça. Disponível em: <https://archives.unige.ch/descriptions/view/45837>

¹⁶ No original: “*Le Brésil, comme je l’ai dit, nous a échappé du fait de la révolution qui l’a secoué de 3 au 24 octobre. En août, d’accord avec le Ministère des affaires étrangères, la fédération des Associations pédagogiques nous avait invités à venir du 15 octobre au 15 novembre. Lorsque nous avons débarqués à Rio de Janeiro, le 23 octobre, il n’y avait déjà plus de Ministère des Affaires étrangères et on nous a assuré que son remplaçant ignorait tout des promesses de son prédécesseur. Nous n’avions rien de mieux à faire qu’à nous rembarquer*” (Ferrière, 1931a: 15).

¹⁷ A revista “[...] cessou suas atividades durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1945, voltando em 1946 para desaparecer novamente em 1947. Em 1948, foi retomada e, em 1967, passou a se denominar *Les Sciences de l’éducation – Pour l’Ère nouvelle*, permanecendo ativa na atualidade” (Vidal, 2021: 11). Uma análise mais detida nas características materiais e nos propósitos desse impresso pode ser acessada no estudo de Pires (2021).

¹⁸ De acordo com Carvalho (2007), os periódicos acessados por Ferrière foram: o *Boletim de Educação Pública*, n. 1, 2 e 3, publicado em 1930 pela Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, e a *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, de novembro de 1929.

A partir das leituras iniciadas a bordo do navio, a caminho de volta para a Europa, o pedagogo genebrino formulou as impressões que culminaram na publicação de três artigos sobre o Brasil naquele número da revista, entre eles um texto de Fernando de Azevedo e outro de Deodato de Moraes, este intitulado “*L'école active brésilienne d'Espírito Santo*” (Moraes, 1931). O texto de Ferrière (1931b: 85, trad. minha), baseado nas leituras que fez, expressa surpresa ao “[...] encontrar no Brasil uma das formas mais completas da educação nova!”¹⁹ e, ao elogiar a Escola Nova brasileira, lega a Fernando de Azevedo, comparado a um Hércules, a responsabilidade pelo milagre da superação pedagógica. As impressões sobre esse texto, indicamos em outra produção:

Encontrar a escola ativa capixaba comentada pelo educador suíço Adolphe Ferrière no periódico *Pour l'ère nouvelle*, em 1931, despertou o nosso interesse. Mais ainda, aguçou a nossa curiosidade o fato de que, em meio às reformas escolanovistas realizadas em diversos estados brasileiros, Ferrière tenha situado o programa de formação de professores conduzido pelo paulista Deodato de Moraes - no contexto *Diário da Noite* em 23 de outubro de 1930 e disponível no Fundo Adolphe Ferrière do Institut Jean-Jacques Rousseau, de implantação da escola ativa capixaba - entre as mais bem concebidas da sua época: ‘[...] entre as mais bem projetadas que existem’ (Ferrière, 1931: 88, tradução nossa). Afinal, em que pese o oceano que separava o olhar de Ferrière da experiência reformadora no Espírito Santo —claramente filtrado pelo interesse disseminador do ideário escolanovista do periódico francês patrocinado pela Liga Internacional para a Educação Nova—, não deixa de ser intrigante a positividade do destaque dado ao pequeno e politicamente pouco influente estado capixaba (Simões y Berto, 2019: 2).

A reforma da instrução que estava em curso desde 1928 e parecia ter alcançado seu auge, foi interrompida pelos acontecimentos políticos de 1930. No começo do mês de outubro daquele ano, logo após o retorno de Attilio Vivacqua da Reunião Educacional da FNSE, no Rio de Janeiro, chegaram ao Espírito Santo notícias sobre a conspiração “revolucionária” que terminaria por destituir Washington Luís. O presidente do Espírito Santo, Aristeu Borges de Aguiar, que teria pelo menos mais dois anos de mandato, embarcou com sua família para o Rio de Janeiro no dia 16 de outubro, antes que chegassem ao estado as forças “revolucionárias”, e de lá, seguiu em exílio para Portugal.

¹⁹ No original: “[...] rencontrer au Brésil une des formes les plus complètes de l'Education nouvelle!” (Ferrière, 1931b: 85).

Em uma historieta publicada no *Diário da Manhã* em 1931, um articulista que usava um pseudônimo com possível menção ao nome de Garcia de Rezende dizia, em tom de crítica e de celebração, que a escola ativa, “A senhorinha, nascida e criada neste ambiente, perdeu-se de verdade” (Fezende, 1931: 1). Vivacqua e Rezende, diretamente envolvidos na curta reforma da instrução capixaba, após a interrupção de sua obra, parecem ter se distanciado das ideias de renovação educacional, a não ser pelo fato de terem assinado, no começo de 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Azevedo *et al.*, 1932: 3).

As presenças de Attilio Vivacqua e de Garcia de Rezende nesse momento histórico da Educação brasileira talvez possam ser interpretadas com base no reconhecimento pelas iniciativas na educação capixaba apresentadas na Reunião Educacional do Rio de Janeiro, em 1930, ou pela sua proximidade com Nóbrega da Cunha, envolvido com a formulação do Manifesto (Carvalho, 1998) ou, ainda, em decorrência da boa propaganda que eles, juntamente com Deodato de Moraes, fizeram das reformulações do ensino capixaba fora do estado.

Considerações finais

Com base nas análises apresentadas neste texto, é possível inferir que a escola ativa, no modo como foi concebida e materializada no estado do Espírito Santo, somente foi possível pelos intercâmbios forjados em redes com sujeitos e experiências diversas. Esses intercâmbios visibilizam-se nas fontes, principalmente em impressos jornalísticos que, por terem sido estrategicamente utilizados como veículos de propaganda, possibilitam seguir os rastros do modo como as ideias circulam: por meio de viagens e visitas realizadas, encontros promovidos, visitantes ilustres recebidos, aproximações com movimentos educacionais organizados em âmbitos diversos, leituras de obras brasileiras e estrangeiras.

O movimento internacional da Educação Nova repercutiu na imprensa capixaba e nos relatórios de Attilio Vivacqua. Elementos presentes nas obras de educadores estrangeiros como Adolphe Ferrière, Ovide Decroly, José Mallart y Cutó e John Dewey eram apropriados pelos reformadores locais, que, em alguns momentos, citavam diretamente esses autores. Vivacqua e seus colaboradores circulavam nos estados vizinhos: em São Paulo, visitavam as escolas e dialogavam com os modernistas; no Rio de Janeiro, o próprio Vivacqua aparecia recorrentemente nas páginas dos jornais.

O reformador capixaba e seus assessores estabeleceram relações de proximidade com membros de entidades nacionais e, nesses espaços, buscaram aqueles que ajudariam a compor uma reforma digna de ser conhecida e, quem sabe, imitada. Os reformadores passaram, também, a circular por esses espaços, cujos membros estiveram vinculados, em diferentes momentos, à LIEN; e, após a dissolução do governo, Vivacqua e Garcia de Rezende foram, ainda, convidados para assinar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932.

O Espírito Santo recebeu León Walther do Instituto Jean-Jacques Rousseau em 1929 e, de algum modo, a escola ativa capixaba teve lugar na revista da Liga Internacional pela Educação Nova, merecendo comentários de Adolphe Ferrière, seu maior inspirador, ainda que nunca a tenha visitado. No encontro entre os textos publicados em *Pour l'Ère Nouvelle* e deles com os documentos produzidos no Espírito Santo, é possível ler indícios de como as ideias se movimentam em torno dos processos de renovação educacional.

A presença da escola activa capixaba na imprensa pedagógica internacional, após a interrupção do processo de reforma no Espírito Santo e o fato de Attilio Vivacqua e Garcia de Rezende tornarem-se signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, indiciam os destinos, por vezes incontrolados, que tomam as ideias em processo de circulação.

Resta dizer que, seja qual tenha sido o caminho, na produção da escola ativa capixaba, os percursos, as apropriações e as subversões tramados pelos reformadores locais ultrapassaram a insularidade da capital Vitória (uma ilha) e do pequeno estado do Espírito Santo, pouco visível ao lado de seus vizinhos mais conhecidos. Seguindo as orientações de Levi (2020), compreendo que essas trocas e esses intercâmbios que propiciaram a produção da escola ativa no Espírito Santo, entre 1928 e 1930, e que constituem uma experiência marcadamente local, pode também contribuir para responder questões da historiografia sobre o movimento da Educação Nova, se colocado em perspectiva transnacional.

Referências

- A Escola nova no Brasil: fala-nos a esse respeito a brilhante educadora Mercedes Dantas que vem de visitar vários Estados do Norte (1930, set. 3). *Diário da Manhã*, (2421), 1.
- A Nova educação no Espírito Santo I: aplicação da escola activa, educação sanitária, educação physica. Página de Educação (1930, ago. 15). *Diário de Notícia*, 5.
- A Reforma da instrução publica (1928, set. 27). *Diário da Manhã*, Vitória, 1.

- A Reforma do ensino espírito-santense: o plano de realizações do secretario de Instrução dr. Attilio Vivacqua, através de uma palestra nesta redacção (1930, set. 26). *Diário de Notícias*, 4.
- Azevedo, F. et al. (1932, mar. 19). A reconstrucção educacional no Brasil: ao povo e ao governo. *Diário Nacional*, 3.
- Berto, R. C. (2013). A constituicção da escola activa e a formação de professores no Espírito Santo (1928-1930). Tesis de doctorado. Universidade Federal do Espírito Santo.
- Berto, R. C. y Simões, R. H. S. (2016). O Curso Superior de Cultura Pedagógica (1928-1930) como estratégia de formação de professores e difusão da escola ativa nas escolas capixabas. *Cadernos de História da Educação*, 15(1), 398-421. <http://educa.fcc.org.br/pdf/che/v15n1/1982-7806-che-15-01-398.pdf>
- Berto, R. C. y Simões, R. H. S. (2024). Usos estratégicos do jornal *Resumo Escolar* no contexto da reforma escolanovista no Espírito Santo. *Revista Brasileira de História da Educação*, 24(e304), 1-24. <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/TgnBb9bvFMdXKTWjYzYLFF/?format=pdf&lang=pt>
- Boletim de Educação Pública (1930). Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, 4.
- Carvalho, M. M. C. (1998). Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: Edusf.
- Carvalho, M. M. C. (2007). A bordo do navio lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. En J. G. Gondra y A. C. V. Mignot (org.), *Viagens pedagógicas* (pp. 277-293). São Paulo: Cortez.
- Carvalho, M. M. C. (2012). Invenções e tradições na história da educação no Brasil: questionando representações sobre o debate pedagógico na década de 1930. En R. H. S. Simões y J. G. Gondra, *Invenções, tradições e escritas da história da educação* (pp. 97-122). Vitória: Edufes.
- Dadico, L. y Siqueira, R. M. de. (2021). Henri Piéron, Roberto Mange e a História da Psicotécnica no Brasil: representações em disputa. *Revista História da Educação*, 25 (e104764). <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/104764>
- Dr. Attilio Vivacqua: o secretario da Instrucção do Espirito Santo fala ao "Correio Paulistano" (1928, set. 25). *Correio Paulistano*, 2.
- Dr. Leon Walther e a escola nova: de passagem pelo nosso porto fala-nos sobre a educação nova o dr. Leon Walther, professor do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra (1929, set. 26). *Diário da Manhã* 1.
- Espirito Santo. Presidente de Estado (1928-1930: Aguiar) (1930, set. 22). *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo na 3ª sessão da 13ª Legislatura*.
- Faria Filho, L. M. y Vidal, D. G. (2000). Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 19-14. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200003>
- Ferrière, A. (1929). *A lei biogenética e a escola activa* (Coleção Biblioteca de Educação, vol. 1x). São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- Ferrière, A. (1931a). *L'Amérique latine adopte l'école active : Le magnifique effort des peuples ibéro-américains en faveur de l'éducation nouvelle*. Delachaux&Niestlé.
- Ferrière, A. (1931b). L'Éducation nouvelle au Brésil. *Pour l'Ère Nouvelle. Revue Internationale d'Education Nouvelle*, 67, 85-90, Paris, Musée Pédagogique. <https://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/sites/all/modules/ereNouvelle/pdf/1931-67.pdf>.

- Ferrière, A. (1934). *A escola activa*. Porto: Editora Educação Nacional.
- Fezende, M. (1931, jun. 6). Historia triste. *Diario da Manhã*.
- Ginzburg, C. (2002). *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Houssaye, J. (2007). Pedagogias: importação-exportação. En A. C. Mignot y J. Gondra (orgs.), *Viagens Pedagógicas* (pp. 294-314). São Paulo: Cortez.
- Levi, G. (2000). *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Civilização Brasileira.
- Levi, G. (2020). Micro-história e história global. En: M. Vendrame y A. Karsburg, *Micro-história: um método em transformação* (pp. 19-34). São Paulo: Letra e Voz.
- Loureiro, C. (2024). “Écouter la voix d’un continent lointain”? *Les interconnexions entre le Bureau international d’éducation et l’Amérique latine (1912-1939)*. Tesis de doctorado. Université de Genève, Suisse.
- Monarcha, C. (2009). *Brasil arcaico, escola nova: ciência, técnica e utopia nos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Unesp.
- Moraes, D. (1929, jul. 4). A escola activa é a escola da saúde. *Diario da Manhã*, Vitória, p. 1.
- Moraes, P. D. (1931). L’École active brésilienne d’Espírito Santo. *Pour L’Ère Nouvelle. Revue Internationale d’Education Nouvelle*, 1(67), 96-99. <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/sites/all/modules/ereNouvelle/pdf/1931-67.pdf>
- Moraes, P. D. (s/d). *Pedagogia científica*. Vitória: Oficinas do Diario da Manhã.
- O Ensino no Espírito Santo (1929, nov. 5). *O Jornal*. n. 3.
- O Ensino publico nos estados brasileiros: o que observou em sua viagem de estudo a escriptora Mercedes Dantas (1930, set. 20). *Jornal do Brasil*, 7.
- O Estado do Espírito Santo (1930, out. 8). *O Globo*. párr. 1.
- Os Novos methodos de ensino no Espírito Santo (1929, out. 25). *Diario da Noite*. párr. 6.
- Paulilo, A. L. (2007). *A estratégia como invenção: as políticas públicas de educação na cidade do Rio de Janeiro entre 1922 e 1935*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Pimentel, E. Toda semana (1929, mai. 16). *Vida Capixaba*, (175), 1.
- Pires, R. L. (2021). *Escritas itinerantes: a Reforma da Instrução pública do Distrito Federal na revista Pour l’Ère Nouvelle e no Boletim de Educação Pública (1927-1931)*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- Plano, origem, fundamentos e objetivos da reforma do ensino espírito-santense: o relatório exposto hontem, na Reunião Educacional, pelo dr. Attilio Vivacqua aos diretores da Instrução e representantes dos Estados (1930, set. 28). *Diario de Noticias*, 2.
- Reunião Educacional: o dia do Espírito Santo – exposição da escola activa (1930). *O Paiz*, 2.
- Rezende, G. (1929, jun. 19). A propósito do ensino antropofágico. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, 1(11), 10. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1304>
- Rezende, G. (1930) O ensino no Espírito Santo. *Movimento Brasileiro*, (13), 12.
- Simões, R. H. S. y Berto, R. C. (2019). Pedagogia científica, brasilidade e formação de professores na escola ativa capixaba em redes de sociabilidade: panoramas do cais. *Acta Scientiarum – Education*, 41(e44204), 1-12. <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v41/2178-5201-aseduc-41-e44204.pdf>
- Subrahmanyam, S. (1997). Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, 3(31), 735-762. <http://www.jstor.org/stable/312798>.

- Toledo, M. R. A. y Carvalho, M. M. C. (2017). A tradução de John Dewey na Coleção Autoral Biblioteca da Educação. *Educação e Sociedade*, 38(141), 999-1015. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017157307>
- Vera, E. R. y Fuchs, E. (2021) O transnacional na história da educação. *Educação e Pesquisa*, (47). <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/190580>.
- Vidal, D. G. (2021). Cem anos da *New Education Fellowship*. En R. S. Rabelo y D. G. Vidal, *Escola Nova em circuito internacional: cem anos da New Education Fellowship*. Fino Traço.
- Vidal, D. G. y Camargo, M. J. G. (1992). A imprensa periódica especializada e a pesquisa histórica: estudos sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 73(175), 407-430.
- Vidal, D. G. y Rabelo, R. S. (2020). Movimento internacional da Educação Nova: um problema de pesquisa. En D. G. Vidal y R. S. Rabelo, *Movimento internacional da Educação Nova*. 2. ed. Fino Traço.
- Vivacqua, A. (1929). O ensino público no Espírito Santo (Entrevista concedida ao jornal). *Diário da Manhã*.
- Vivacqua, A. (1930). Escola ativa brasileira: sua aplicação no Estado do Espírito Santo. *Boletim de Educação*, separata.